Aveiro, 23 de Novembro de 1963 ★ Ano X ★ N.º 473

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 25886 — AVEIRO

Um artigo de
EDUARDO CERQUEIRA

Das "coisas não comerciáveis"

O BADALAR DO RELÓGIO

NÃO é sobejo o tempo para o distrairmos das solicitações práticas e de imediata utilidade em que a labuta imperiosa e incessante da vida, cada dia mais ocupada e preocupada, nos absorve a atenção.

Para as horas feriadas da luta pelos valores concretos e rentáveis bastam os apaixonantes problemas suscitados pela granítica obtusidade do treinador da bola do clube predilecto, ou o facciosismo execrável de algum árbitro vesgo; as inovações do recém-lançado modelo, espadesco e aerodinâmico do carro de não sei quantas parelhas de cavalos vapor; o último escândalo listailoriano ou bebesco, ou o seu prenúncio; a certeza irrefragável de que todos ganhamos menos que o merecido, ou a diatribe contra essa cilindradora máquina, percursora da cibernética, de praticar erros em série, que é a administração pública, eterna e irreparàvelmente incapaz, para os que estão na mó de baixo — e, em contraposição, infalível, e providencial, autêntica cornucópia de venturas universais, para os afeiçoados.

Parecerá assim, de um planeta diferente, e quase ininteligível, a voz débil e insignificante, anacrónica e desgarrada, que desafine do diapasão comum e mesmo tímida e anódina, aborde os temas, sem projecção nem audiência, que nem envolvem a prosperidade pública, nem os seus anseios, nem as suas preferências de gosto.

O cidadão que se preza não perde tempo com ridiculezas e ninharias — «de minimis non curat praetor» — mesmo que alguém lhes atribua um vago significado, um platónico interesse, do âmbito do que considerava «valores não comerciáveis», aquele solitário pensador aveirense, apóstolo do bem e da beleza, que se chamou Jaime de Magalhães Lima.

E as folhas periódicas, normal e legitimamente, reservam o seu espaço e a sua letra de forma para os assuntos momentosos que despertam a curiosidade e agradam ao paladar e à gula do leitor, e sabem a hoje — como os caldos de envelope ou os ecuménicos pudins «flan».

Ainda, assim, para variar, talvez se consinta uma pequena digressão, uma fugaz mudança de agulhas, um interlúdio — como se usa nos hodiernos programas da rádio e da televisão — para um motivo somenos, uma ínfima

Continua na página 7

Um ângulo da Sala de Operações da «Clínica de Santa Joana» — Foto RESENDE

A propósito da inauguração de

UMA NOVA CLÍNICA

Notas do DR. LÚCIO DE LEMOS

GRAÇAS ao louvável espírito de iniciativa e ao incansável dinamismo de um grupo de prestigiosos médicos de que é justo destacar os nomes dos srs. Drs. Maya Seco (Obstetrícia e Ginecologia), Sousa Santos (Pediatria), Briosa e Gala (Otorrinolaringologia), Luís Azeredo (Ortopedia), Bento das Neves, Araújo e Sá, Manuel Santiago e José Fernando Oliveira e Silva (Clínica Geral), a progressiva cidade de Aveiro passou a contar com mais uma indispensável e moderníssima Clínica, instalada num esplêndido e bem adaptado edifício, na Rua de S. Sebastião.

Na «Clínica Santa Joana» nada falta, pois tudo foi cuidadosamente estudado e preparado com os olhos postos no bem-estar e pronto restabelecimento de todos aqueles que se vejam na necessidade de recorrer aos serviços não só do seu tão creditado,

Continua na página 6

O "MAL DO SÉCULO"

Artigo de ALVES MORGADO

A chamada «trepidação da vida moderna» parece ser uma das causas capitais das depressões nervosas e psicoses abrangidas pela vaga designação de «mal do século». A melancolia, a hipocondria, a inquietação, a ansiedade, a angústia, a neurastenia, o medo e o ódio devem existir desde que há Mundo; mas não é menos verdade, conforme observa justamente uma escritora portuguesa, que as afecções psíquicas se têm agravado consideràvelmente nos últimos anos, principalmente a partir de 1939.

O ritmo acelerado da existência hodierna, os ruídos de origem mecânica que pene-

Continua na página 2

Na União Soviética

O ANTI-SEMITISMO

Considerações do
DR. JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

OS jornais de ontem deram a notícia de Averell Harriman, subsecretário de Estado dos Negócios Políticos dos U. S. A., ter denunciado a discriminação contra os judeus na Rússia Soviética. O político americano acusa o governo soviético de estar encerrando as sinagogas e de ser difícil, se não impossível, um judeu desempenhar papel de relevo nos negócios políticos ou militares russos. A verdade é, porém, mais dura ainda.

A revista «Encounter», de Londres, dirigida pelo poeta Stephen Spender, num dos seus recentes números trata com toda a extensão e a maior objectividade do grave problema. Stephen Spender foi um comunista convicto. Visitou a URSS, regressou desiludido e, também com a mais profunda convicção passou do amor ou idolatria ao ataque ou ódio. «Encounter», em Londres, «Cuadernos» e «Preuves», em Paris, «Tempo Presente», em Roma e «Comprendre», em Veneza, são as revistas europeias mais dignas na acusação e crítica do totalitarismo russo. Sabem o que dizem. São inteligentes, desapaixonadas e terrivelmente sérias.

No seu discurso «A grande força da Literatura e da Arte soviéticas reside no seu elevado nível ideológico e artístico», pronunciado, no Kremlin em 8

Continua na página 2

OUTONO RIGOROSO

O Anti-Semitismo

Continuação da primeira página

de Março findo, aquando da reunião dos dirigentes do Partido e do Governo com escritores e artistas, Nikita Kruschef disse: «O Comité Central do Partido tem vindo a receber, cartas que exprimem a inquietação do povo ao ver que em algumas obras literárias, se apresenta de modo falso a situação dos judeus no nosso país. Como todos vós sabeis, depois da correspondência cruzada entre mim e o filósofo britânico Bertrand Russel, a imprensa burguesa desencadeou uma campanha contra ambos. Já durante a nossa reunião do mês de Dezembro tivemos que nos referir a esta questão, a propósito do poema «Babi Yar» do poeta Evtuchenko. As circunstâncias impõem que voltemos a ela. Mas por que se critica esta poesia? Porque o autor foi incapaz de apresentar com toda a veracidade e de condenar, os criminosos fascistas e foram precisamente estes que cometeram os mais cruéis assassinatos em Babi Yar. O poema mostra-nos as coisas como se o judeus tivessem sido as únicas vítimas das atrocidades fascistas, quando na realidade muitos russos, ucranianos e soviéticos de outras nacionalidades foram também vítimas dos verdugos hitlerianos. O poema demonstra que o seu autor não possui suficiente maturidade política e que ignorava os factos históricos. Mas por que razão considerou necessário apresentar as coisas como se existisse no nosso país uma discriminação contra a população judaica? Isto é falso. Desde a Revolução de Outubro, os judeus têm vindo a disfrutar dos mesmos direitos que as demais populações da União Soviética. No nosso país não existe a questão judaica e os que a inventam não fazem senão repetir o que dizem outros povos».

O grande argumento de Kruschef para negar a existência do anti-semitismo na União Soviética é o de considerar que numa «sociedade sem classes» não pode haver uma base social para ele se instalar. Mas contra este argumento ideológico estão os factos seguintes:

1 — a vida cultural judaica continua a ser, em grande parte, inexistente. Não há escolas nem teatros. Existe um só jornal que se publica três vezes por semana (com uma tiragem de mil exemplares) e uma só revista literária bimestral, concebida principalmente para exportação; e existem uns quantos livros em «yiddish» que se publicam num ritmo de um por ano e com uma tiragem absolutamente insuficiente;

2 — ainda mesmo dentro da campanha geral para desarreigar o sentimento religioso, a religião judaica é objecto duma perseguição singular. Chega-se a proibir mesmo a sua organização numa cidade, isto é, uma modesta escala local. É pràticamente impossível formar uma nova geração de pessoas religiosas. Diversos aspectos da doutrina religiosa (a circuncisão, as comidas puras ou os pães azimos) estão submetidos a rigorosas restrições administrativas. Uma grande maioria de sinagogas estão fechadas e a propaganda anti-religiosa tende em geral para apresentar a tradição nacional e cultural judaica como algo vergonhoso;

3 — existem estatísticas que demonstram o deliberado propósito de impedir que os «abramoviches» possam penetrar nas esferas mais elevadas da sociedade soviética através da educação superior;

4 — as sentenças dos Tribunais Económicos, com uns 60 °/₀ de judeus condenados à morte (e que na Ucrânia atingem 80 e 90 °/₀), vão seguidas de amplas campanhas na imprensa nas quais se denigra o carácter e a personalidade do judeu;

5 — as declarações de princípios favoráveis a uma reunificação de famílias continuam a ser letra morta quanto aos judeus; finalmente,

6 — a propaganda contra Israel é absolutamente desproporcionada com o pretenso papel que aquele país desempenha no campo ocidental e não resta nenhuma dúvida de que isso apenas se deve à significação emocional que para os judeus da União Soviética representa aquele país.

Ora, quando os factos não se ajustam aos argumentos, viola-se a verdade, o espírito passa a viver na hipocrisia e apenas se pretende salvar a unidade monolítica da ideologia. E num mundo que luta contra a discriminação e o racismo não se pode esquecer, nunca se deve esquecer, que nos dois maiores colossos — a URSS e os USA — existem duas pragas, talvez sem remédio: o racismo contra os negros e a discriminação contra os judeus, no fundo uma mesma atitude: falta de consideração para o género humano.

Inhambane, 29 de Outubro de 1963

Joaquim de Montezuma de Carvalho

O Mal do Século

Continuação da primeira página

tram constantemente nos ouvidos, as dificuldades crescentes na luta pela vida, a guerra de nervos em que os grandes da Terra se degladiam como num sinistro prolegómenos da guerra quente, a ameaça nuclear, a inconstância do presente e a incerteza do amanhã são outros tantos factores a considerar para a definição da etiopatogenia do «mal do século». A impressão que se recolhe, ao contemplar de frente a fisionomia do Mundo em que vivemos, é a de que a Humanidade está doida varrida.

Os ataques de tantos mórbus juntos minam o nosso sistema nervoso de uma forma profunda, extensa e duradoura. Uns indivíduos, por astenia constitucional, estão mais expostos. Outros, mais fortes de ânimo, resistem melhor, mas não se podem furtar a irritações ainda que passageiras. Só permanecem indemnes os que possuem nervos de aço, mas esses são poucos. A grande maioria caiu nas garras das várias estirpes de neuroses, que dissimulam melhor ou pior pelas imposições da vida em sociedade.

O «mal do século» já não poupa nenhuma classe social. Em toda a parte e em todos os sectores vai fazendo a sua devastação inelutável. Quer no campo, quer nas cidades, vê-mo-lo proliferar assustadoramente, mas é nos centros urbanos que ele recruta, de preferência, as suas vítimas. E compreende-se fàcilmente porquê.

Talvez seja mais complexa do que supomos a genealogia do «mal do século». Talvez haja outras causas, além das que referimos. Todavia, é irrefutável que o mal-estar é a sua fonte propulsora mais enérgica. Como o culto da violência é uma das suas consequências mais salientes. O «teddy-boy», por exemplo, é um produto típico do «mal do século».

Em todas as épocas houve, sem dúvida, delinquência juvenil, mas nunca como nos nossos dias, mesmo levando em conta o aumento crescente da população mundial. Outrora, a delinquência juvenil afectava quase exclusivamente os meios mais baixos da sociedade; hoje afecta e infecta todos os meios. As raízes desta progressão espantosa mergulham no «mal do século».

Alves Morgado

Edital

Joaquim Neto Murta, Engenheiro-Chefe da Segunda Circunscrição Industrial.

Faz saber que Francisco Duarte de Almeida, pretende licença para instalar uma moagem de cereais (farinha em rama), incluída na terceira classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, sita em Leirinhas, lugar e freguesia de Aradas, concelho e distrito de Aveiro, confrontando ao Norte com Adelino Laranjeira, Sul com João de Oliveira Martinho, Nascente com vala hidráulica e Poente com estrada camarária.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de trinta dias a contar da data da publicação e afixação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamação por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.° 23858, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.° 111.

Coimbra e Segunda Circunscrição Industrial, em 11 de Novembro de 1963.

Pel'O Engenheiro Chefe da Circunscrição

Mário Carneiro de Vasconcelos Ferreira da Silva

Campeonato Nacional da II Divisão

Resultados Gerais

Sanjoanense - Espinho . . . 4-1
Lusitano - Salgueiros 0-2
Marinhense - Beira-Mar . . 2-0
Boavista - Covilhã 2-1
Leça - Braga 1-0
Oliveirense - Famalicão . . 4-1
Vianense - Feirense 1-3

Tabela Classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Braga	5	4	—	1	11-1	8
Marinhense	5	4	—	1	14-4	8
Salgueiros	5	4	—	1	9-5	8
Covilhã	5	3	—	2	9 5	6
Boavista	5	3	—	2	11-11	6
Feirense	5	3	—	2	8 8	6
Beira-Mar	5	2	—	3	9-9	4
Sanjoanense	5	2	—	3	11-12	4
Oliveirense	5	2	—	3	6-8	4
Vianense	5	2	—	3	4-6	4
Leça	5	2	—	3	5-9	4
Espinho	5	2	—	3	5-13	4
Lusitano	5	1	—	4	6-10	2
Famalicão	5	1	—	4	3-12	2

Jogos para amanhã

Espinho - Vianense
Salgueiros - Sanjoanense
Beira-Mar - Lusitano
Covilhã - Marinhense
Braga - Boavista
Famalicão - Leça
Feirense - Oliveirense

Breve Comentário

Com desusado interesse, dado que se antevê um aliciante nivelamento de forças entre numeroso lote de equipas, o torneio prosseguiu no domingo, fornecendo os desfechos motivo de considerações curiosas.

De salientar, antes de tudo, o facto do Sporting de Braga haver sofrido um golo (o primeiro, em cinco jogos!) — que ditou a sua primeira perda de pontos. Com esta derrota, os bracarenses foram alcançados, na tabela de pontos, pelo Salgueiros e pelo Marinhense — dando aso a que um triunvirato ocupe agora o topo da classificação.

Referiremos, a seguir, com uma palavra de merecido realce, os êxitos preciosos do Salgueiros, em Viseu, e do Feirense, em Viana do Castelo — «cidade-talismã», por tradição, para a turma da terra das fogaças, que sempre tem vencido os prélios oficiais realizados na Princesa do Lima.

Nos outros prélios, houve certa normalidade, pois apenas o marinhense pode ser considerado um vencedor feliz (ou felicíssimo!...). Na verdade, o Beira-Mar podia ter obtido melhor prémio, nesta sua deslocação ao sempre difícil Campo da Portela, pois provou ser equipa mais capaz e mais estruturada que o seu valoroso (e afortunado) adversário.

A concluir: não foi desta vez ainda que houve empates...— embora na tabela de pontuação haja sòmente grupos de equipas igualados (dois trios, um sexteto e um duo — este, na cauda, formado pelas duas turmas que subiram esta época à II Divisão).

SECÇÃO DIRIGIDA POR

DES POR TOS

ANTÓNIO LEOPOLDO

MARINHENSE, 2 — BEIRA-MAR, 0

Jogo no Campo da Portela, na Marinha Grande, sob arbitragem do sr. Aníbal de Oliveira, de Lisboa.

Os grupos apresentaram:

Marinhense — Serrano; Pinto, Zeca e Luís; Parada e Reis; Duarte, Garcia, Eduardo, Cafum e Cunha Velho.

Beira-Mar — Rocha; Girão, Alberto e Evaristo; Brandão e Pinho; Correia, Diego, Calisto, Fernando e José Manuel.

Cunha Velho, aos 61 m., na conversão de um castigo máximo, e *Pinto*, aos 72 m., no seguimento de um pontapé de canto, obtiveram os golos do Marinhense.

Foi perseguido pelos azares próprios das pugnas desportivas o grupo do Beira-Mar, que, mostrando ser a melhor equipa sobre o terreno, veio a perder excelente ensejo de ganhar o encontro.

Efectivamente, os beiramarenses — sempre melhor organizados, com maior poder de antecipação e mais rápidos sobre os lances — forçaram a defesa marinhense a árduo trabalho e permanente atenção. O golo, porém, negou-se aos aveirenses, inclusive aos 57 m., quando Calisto desperdiçou um *penalty* (assinalado a castigar mão de Pinto, que substituiu o seu guardião, defendendo um remate de José Manuel quando a bola ia a transpor a linha final com Serrano batido). O remate saiu fraco e ao alcance do *keeper* — que desviou a bola para canto...

Este lance teve importância decisiva no desfecho do jogo. Primeiro, porque impediu que os negro-amarelos se adiantassem na marcação e chegassem ao triunfo que mereciam — apesar de, cedo, terem ficado privados do concurso efectivo de Correia, «tocado» com certa gravidade. E, depois, porque a não conversão da penalidade (contra cuja marcação os marinhenses protestaram com insistência, excedendo-se mesmo os espectadores, que chegaram a arremessar pedras para o campo!) deu aos alvi-negros ânimo bastante para tentarem, com felicidade, a sua *chance*...

Com os ânimos excitados, o árbitro, notòriamente amedrontado, perturbou-se e decidiu a sorte do jogo — volvidos poucos minutos após o insucesso de Calisto. Querendo ficar de bem com o público, e em lance quando muito merecedor de livre indirecto (jogada de obstrução de Evaristo a Cunha Velho), o sr. Aníbal de Oliveira castigou o Beira-Mar com um *penalty* injustíssimo!

Os beiramarenses tentaram ainda recuperar o atrasado, obtendo ao menos a igualdade. Mas até ela se lhes negou. E o Marinhense, que cuidava mais de defender a todo o transe o precioso avanço que lhe fora oferecido, veio a obter o golo da tranquilidade, aproveitando um deslize do guarda-redes Rocha, perto já do termo do prélio.

Evidenciaram-se: no Marinhense, Serrano (que foi o melhor jogador em campo), Reis e Luís; e, no Beira-Mar (que valeu, sobretudo, pelo conjunto e notável estruturação do onze — com defesa e meia-defesa certíssimas), Diego, José Manuel, Pinho e Alberto.

A arbitragem foi fraca, por ter directa influência no *score* final em virtude da falta de personalidade do juiz de campo.

No Sporting de Aveiro

Torneios de Bilhar Livre e «Snooker»

Na próxima segunda-feira, dia 25 iniciam-se, na sede do Sporting de Aveiro, dois torneios inter-sócios: um de bilhar livre, e outro de «snooker».

As competições prosseguirão todas as noites, a partir das 21.30 horas.

Há grande interesse por ambos os torneios, a disputar por cerca de trinta concorrentes, divididos em duas categorias.

JUDO

A iniciativa da criação em Aveiro de uma Escola de Judo — arrojado e louvável empreendimento do Sporting de Aveiro — teve o maior êxito.

Os aveirenses corresponderam em absoluto, e, assim, é com imenso júbilo que podemos hoje anunciar que os cursos de Judo vão principiar em 4 do próximo mês de Dezembro, prosseguindo às quartas-feiras (das 19 às 21 horas) e aos sábados (das 17 às 19 horas).

Encontram-se inscritos mais de três dezenas de desportistas, cujas idades variam dos 6 aos 54 anos.

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 11.ª Jornada

Lusitânia - Paços de Brandão 2-1
Anadia - Alba 3-1
Bustelo - Arrifanense 2-3
Recreio - Estarreja 2-1
Valecambrense - Cucujães . . 1-0
Cesarense - Ovarense 1-3
Esmoriz - Lamas 1-1

Jogos para amanhã

Esmoriz - Paços de Brandão
Alba - Lusitânia
Arrifanense - Anadia
Estarreja - Bustelo
Cucujães - Recreio
Ovarense - Valecambrense
Lamas - Cesarense

RESERVAS

Série A

Resultados da 3.ª jornada

Sanjoanense - Arrifanense . V.-D.
Lusitânia - Cucujães 4-2

Na partida da 2.ª jornada, a que não nos referimos na semana finda, apurou-se este desfecho:

Arrifanense - Espinho 2-3

Jogos para amanhã

Arrifanense - Lusitânia
Cucujães - Feirense

JUNIORES

Resultados da 8.ª jornada

Série A

Estarreja - Bustelo 1-1
Oliveirense - Recreio 3-1
Beira-Mar - Alba 3-2
Mealhada - Ovarense 3-3

Série B

Esmoriz - Arrifanense . . . 3-1
Sanjoanense - Cucujães . . . 7-0
Feirense - Cesarense 2-2
Lusitânia - Valecambrense . . 3-0
Espinho - Lamas 3-3

Jogos para amanhã

Série A

Bustelo - Oliveirense
Recreio - Beira-Mar
Alba - Mealhada
Ovarense - Anadia

Série B

Lamas - Esmoriz
Arrifanense - Sanjoanense
Cucujães - Feirense
Cesarense - Lusitânia
Valecambrense - Espinho

Beira-Mar, 3 — Alba, 2

Jogo em Aveiro, sob arbitragem do sr. Nicanor de Oliveira. Os grupos apresentaram:

Beira-Mar — Vieira; Toni, Martinho I e Martinho II; Morgado e Viriato (Corte Real); Corte Real (Vítor), Carlos Alberto, Peão, João Domingos e Lopes.

Alba — Helder; Fausto, Carlos Vidal e Justino; José Manuel e Carrapo; Antunes, Pisco, Alfredo Serafim e Caçollo.

A primeira metade concluiu com os aveirenses a ganharem por 2-1 — em golos de *Lopes*, aos 13 m., e *João Domingos*, aos 35 m., pelo Beira-Mar; e de *Pisco*, aos 15 m., pelo Alba. No segundo tempo, *Corte Real*, aos 4 m., elevou a marca para 3-1; mas, aos 34 m., em lance infeliz, *Martinho I* meteu a bola nas próprias redes, fixando em 3-2 o «score» final.

Partida agradável, com bons lances de futebol de ambas as equipas, e vitória — que podia ser mais folgada — do melhor grupo.

Arbitragem certa e sem dificuldades.

PRINCIPIANTES

Resultados da 2.ª jornada

Sanjoanense - Recreio . . . 1-1
Feirense - Alba 0-2
Espinho - Oliveirense 5-0
Mealhada - Beira-Mar . . . 0-1
Bustelo - Estarreja 2-0

Jogos para amanhã

Oliveirense - Sanjoanense
Recreio - Alba
Beira-Mar - Espinho
Estarreja - Mealhada
Feirense - Bustelo

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 11 DO TOTOBOLA ★

1 de Dezembro de 1963

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	C. U. F. - Leixões	1		
2	Sporting - Setúbal	1		
3	Belenenses - Benfica	1		
4	Seixal - Barreirense	1		
5	Espinho - Salgueiros	1		
6	Sanjoan. - Beira-Mar			2
7	Lusit. V. M. - Covilhã		x	
8	Marinhense - Braga	1		
9	Leça - Feirense	1		
10	Montijo - Atlético			2
11	Sacaven. - C. Piedade	1		
12	Farense - Peniche		x	
13	Leões - Oriental	1		

Basquetebol

CAMPEONATO DISTRITAL DE AVEIRO

Na sexta jornada, apuraram-se os seguintes resultados:

Illiabum - Sanjoanense . . 30-27
Amoníaco - Sangalhos . . . 34-31
Esgueira - Galitos 48-44

A classificação ficou assim estabelecida:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sangalhos	7	5	2	339-258	17
Galitos	7	5	2	285-244	17
Illiabum	7	4	3	242-257	15
Sanjoanense	7	3	4	262-265	13
Esgueira	7	3	4	254-287	13
Amoníaco	7	1	6	208-285	9

A surpresa da jornada — e quiçá do torneio — verificou-se em Estarreja, na noite de sábado, com o primeiro êxito do Amoníaco, já que foi exactamente obtido sobre a equipa que se nos apresentava mais capaz de transpor vitoriosamente o obstáculo da deslocação àquela vila.

Resultado sensacional, repetimos, a vitória dos estarrejenses merece ser devidamente posta em relevo — além do mais, porque veio trazer novos aliciantes aos próximos encontros da prova. De resto, há que evidenciar ainda o facto do Amoníaco, para vencer, ter necessidade de operar um meritório *volte-face*, já que, ao intervalo, os bairradinos ganhavam por 21-12!

Nos outros dois jogos, apuraram-se desfechos que consideramos normais. De salientar o êxito dos esgueirenses — que impediram o Galitos de se isolar no comando.

A ronda teve um momento de

Continua na página 6

ESGUEIRA, 48 — GALITOS, 44

Jogo no Campo da Alameda, sob arbitragem dos srs. Narsindo Vagos e Manuel Arroja. Os grupos apresentaram:

Esgueira — Raul, Manuel Pereira 5-6-0, Salviano 7-0-2, Paroleiro 6-2-2, José Luís Pinho 0-6-2, Ravara e Calisto 0-6-4.

Galitos — José Fino 6-7-2, Vítor 2-3-0, Cotrim 0-3-3, José Luís, Júlio 4-3-1, Encarnação 6-4-0 e Raul.

Marcha do Resultado

1.ª parte

2 - 0 - *Paroleiro*
2 - 2 - Vítor
4 - 2 - *Paroleiro*
4 - 4 - José Fino
4 - 6 - José Fino
5 - 6 - *Salviano*
7 - 6 - *Paroleiro*
7 - 8 - Júlio
9 - 8 - *Salviano*
11 - 8 - *M. Pereira*
11 - 10 - Encarnação
11 - 12 - Júlio
12 - 12 - *M. Pereira*
12 - 13 - José Fino
13 - 13 - *Salviano*
14 - 13 - *Salviano*
14 - 15 - Encarnação
14 - 17 - Encarnação
16 - 17 - *Salviano*
16 - 18 - José Fino
18 - 18 - *M. Pereira*

2.ª parte

20 - 18 - *Paroleiro*
20 - 20 - Vítor
20 - 21 - Cotrim
22 - 21 - *M. Pereira*
22 - 22 - José Fino
22 - 24 - José Fino
24 - 24 - *Calisto*
24 - 25 - Vítor
26 - 25 - *Calisto*
26 - 27 - José Fino
28 - 27 - *José L. Pinho*
30 - 27 - *José L. Pinho*
32 - 27 - *M. Pereira*
32 - 28 - José Fino
32 - 29 - José Fino
34 - 29 - *M. Pereira*
34 - 30 - Júlio
36 - 30 - *Calisto*
36 - 32 - Encarnação
36 - 34 - Encarnação
36 - 36 - Júlio
38 - 36 - *José L. Pinho*
38 - 38 - Cotrim

Prolongamento

40 - 38 - *José L. Pinho*
40 - 39 - Cotrim
42 - 39 - *Salviano*
44 - 39 - *Calisto*
44 - 41 - Cotrim
46 - 41 - *Paroleiro*
46 - 43 - José Fino
48 - 43 - *Calisto*
48 - 44 - Júlio

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado	MODERNA
Domingo	A L A
2.ª feira	M. CALADO
3.ª feira	AVENIDA
4.ª feira	SAÚDE
5.ª feira	OUDINOT
6.ª feira	N E T O

O Regresso de Angola da Companhia de Caçadores 190

Como noticiámos na semana finda, regressaram a Aveiro, cerca das 19 horas da penúltima quinta-feira, os valentes e briosos militares da Companhia de Caçadores 190, daqui saída há cerca de dois anos para Angola, onde esteve em missão de defesa da soberania nacional, exercendo valorosamente a acção militar de que foi incumbida.

Na estação do caminho de ferro os militares foram aguardados pelo Governador Civil do Distrito, Presidente da Câmara Municipal, Comandantes da Guarnição Militar e do Regimento de Infantaria 10, Capitão do Porto e outras autoridades civis e militares, além de muitas centenas de pessoas.

Prestou a guarda de honra um companhia de Infantaria 10, com fanfarra, que, depois, acompanhou os 150 expedicionários regressados, os quais eram comandados pelo sr. Capitão Durão Lopes.

No desfile que efectuaram através das ruas da cidade, apesar do tempo invernoso, os militares foram aclamados por centenas de pessoas, postadas ao longo do percurso, que lançaram muitas flores e papéis de cores.

Na Sé Catedral e com a assistência dos componentes da Companhia, das autoridades e oficialidade da guarnição e muitos fiéis, Mons. Aníbal Ramos, reitor do Seminário de Santa Joana Princesa, celebrou missa em acção de graças, após a qual foram dadas as boas-vindas aos expedicionários no quartel daquela unidade pelo respectivo Comandante, sr. Coronel Evangelista Barreto.

Museu de Aveiro

Após o fecho da Exposição de Arte Portuguesa Contemporânea (da Colecção da Fundação Gulbenkian), foi renovado o arranjo da Sala de Pintura dos chamados «primitivos» e aberto ao público há uma semana. Ali figuram, devidamente emolduradas, as três tábuas de mais recente beneficiação no Instituto de Restauro de Lisboa, dos próprios do Mosteiro de Jesus aveirense: *Sant'Iago abençoando uma freira* (sec. XV); *Adoração dos Magos* e *«Ecce Homo»* (sec. XVI).

O *Retrato de Santa Joana Princesa* e o tríptico quatrocentista do *Salvador* auferiram agora uma apresentação mais condigna.

Dias antes, ficou pronta a nova arrumação de artefactos no grande armário (da antiga Farmácia ou da Livraria do convento) do Salão de Arte Ornamental. Sob a ordem de prateleiras onde se dispuseram sòbriamente alguns potes e jarras das colecções de Cerâmica do Museu, acolheram-se, na zona funcional de vitrinas, núcleos representativos de: Faianças Orientais (em especial pratos, vasos e jarras da China); Loiça Europeia; peças da Doação Kennedy Falcão (faianças e porcelanas francesas e chinesas; objectos de metal e madeira sino-indianos); peças da Doação Coronel Nascimento Leitão (taça de prata, vasos de cobre esmaltado e faianças da China e do Japão). Finalmente, noutro sector, seleccionaram-se quatro das mais interessantes obras de torêutica da «Casa de Santa Joana»: gomil e bacia e um castiçal setecentistas de estanho; uma salva lavrada barroca, de cobre; e o singular gomil de cobre esmaltado, do sec. XV (?), de origem oriental.

Festa de Santa Cecília

Ontem, o Conservatório de Aveiro celebrou a festa de Santa Cecília, Padroeira dos músicos, com uma missa vespertina na igreja da Vera-Cruz, às 18.30 horas.

Foi celebrante Mons. Aníbal Ramos, membro do Conselho Administrativo do Conservatório, tendo os alunos deste estabelecimento de ensino solenizado o piedoso acto.

Militares que Regressam do Ultramar

Hoje, ao fim da tarde, deve chegar a Aveiro a Companhia do Comando n.º 160, que esteve na província ultramarina de Moçambique, em missão de soberania mais de dois anos.

129.º Aniversário da «Banda Amizade»

Amanhã, a popular *Música Velha* celebra a passagem de mais um aniversário — o 129.º — com um programa que inclui:

A's 9.30 horas — Hastear da Bandeira no edifício-sede da Banda Amizade.

A's 10horas — Missa Solene, na igreja de Jesus. No final, será cantado o «Libera me, Domine» — em sufrágio dos executantes e sócios falecidos, seguindo-se uma romagem de saudade aos cemitérios citadinos.

Uma Exposição nas Fábricas Aleluia

Como anunciáramos, inaugurou-se na última segunda-feira, por iniciativa da Acção Cultural das Fábricas Aleluia, uma valiosa exposição de trabalhos, em diversas modalidades, executados exclusivamente pelo pessoal daquele conceituado estabelecimento fabril.

O certame, que nos merecerá mais desenvolvida referência, tem sido muito frequentado.

Cursos de Extensão Agrícola Familiar

Em Calvão (Vagos) encerrou-se o 2.º Curso Ambulante de Extensão Agrícola Familiar, realizado sob orientação da Brigada Técnica de Aveiro dos Serviços Agrícolas da IV Região e frequentado com aproveitamento por 41 alunas.

Até ao fim do mês, encontra-se patente ao público — das 14 às 22 horas, todos os dias — uma exposição de trabalhos realizados pelas alunas do aludido Curso.

Dispensário de Higiene Maternal e Infantil Gota de Leite

Convocatória da Assembleia Geral

Nos termos dos estatutos, convoco os sócios desta instituição para uma reunião a realizar no dia 8 de Dezembro, pelas 14 horas, na sede da «Gota de Leite» à rua de José Estêvão, n.º 75, desta cidade.

Não havendo número legal de Associados, a Assembleia Geral reunirá, com qualquer número, uma hora depois da hora marcada para a primeira convocação.

Ordem do dia:

1.º — *Alteração dos estatutos em vigor.*

2.º — *Eleição dos corpos gerentes para o triénio 1964/1966.*

3.º — *Qualquer assunto de interesse para a instituição.*

Aveiro, 20 de Novembro de 1963.

Pelo Presidente,

A'lvaro Sampaio

Natal das famílias dos expedicionários

Até 25 do corrente mês, na sede do Movimento Nacional Feminino, recebem-se inscrições para o «Natal das Famílias» de cabos e soldados em serviço de soberania no Ultramar.

Para quaisquer esclarecimentos, os interessados devem dirigir-se à sede da Delegação Distrital do Movimento Nacional Feminino, à Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 106, em Aveiro.

Cartaz dos Espectáculos

Teatro Aveirense

Sábado, 23 — às 21.30 horas

Um programa duplo, com um filme policial de «suspense», interpretado por Dennis Hopper, Geral Moler e Pat Movey — **Famintos de Maldade**; e uma película americana, com Cliff Robertson, Dolores Dorn e Beatrice Kay — **Marcados para a Morte**. Para maiores de 17 anos.

Domingo, 24 — às 15.30 e às 21.30 horas

Um excelente filme musical espanhol, em *Eastmancolor*, com a jovem e famosa artista Marisol — **Tombola**. Para maiores de 6 anos (à tarde) e para maiores de 12 anos (à noite).

Quarta-feira, 27 — às 21.30 horas

Um arrebatador filme da «Metro», com Angela Lansbury, Brandon De Wilde e Warren Beatty — **O Anjo da Violência**. Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 28 — às 21.30 horas

Uma notável produção inglesa, em *Eastmancolor*, com Kenneth More, Danielle Darrieux, David Saire e Susannah York — **Aconteceu naquele Verão.** Para maiores de 17 anos.

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 23 — às 21.30 horas

Reposição do maravilhoso filme, em *Technicolor* — **Carne da minha Carne**. Para maiores de 12 anos.

Domingo, 24 — às 15.30 e às 21.30 horas

Uma produção em *Technicolor* e *Cinemascope*, com Laurence Harvey, France Nuyen e Martha Hyer — **Uma Rapariga chamada Tamiko**. Para maiores de 17 anos.

Terça-feira, 26 — às 21.30 horas

Um filme francês, colorido, com Dalila, Jacques Sernas e Raymond Bussières — **Os Sinais Escondidos**. Para maiores de 17 anos.

O «Rotary Internacional» concedeu bolsas de estudo no valor de 390 mil dólares

Bolsas de Estudo no valor superior a 390 mil dólares foram concedidas a 138 estudantes de 29 países pelo Rotary Internacional, organização mundial de Rotary Clubes, para estudo em mais de 100 universidades em países estrangeiros, durante o ano lectivo de 1963/64.

Chamam-se Bolsas de Estudo da «ROTARY FOUNDATION» para a boa compreensão internacional, estes auxílios para estudo, que fazem parte dum vasto programa cujo alvo é fomentar o bom entendimento e as relações amigáveis entre os povos das diferentes nações. Desde 1947, em que foram atribuídas as primeiras Bolsas de Rotary, já foram oferecidas 1726 Bolsas no valor total de cerca de quatro e meio milhões de dólares.

Se bem que os anteriores bolseiros tenham estudado em 57 países, diferentes dos seus, as novas atribuições incluem quatro bolsas para estudos em países onde os bolseiros de Rotary nunca antes frequentaram escolas; — Sudão, Marrocos, Tanganica e Malásia.

Sessenta das bolsas foram atribuídas a estudantes dos Estados Unidos, número que é proporcional aos Distritos Rotários existentes no país, em comparação com outros países. Os outros grupos maiores são: 9 brasileiros, 8 australianos, 7 ingleses, 6 canadianos e 4 portugueses.

O valor das bolsas é, em média, de 2800 dólares (cerca de 80 contos), o suficiente para as despesas de transporte (ida e volta), propinas e outros gastos, livros, habitação e alimentação, e despesas de viagem de estudo.

Há dois tipos de Bolsas de Estudo da «Rotary Foundation»: — ordinárias e adicionais.

A começar pelas bolsas do ano lectivo para 1964/65, as ordinárias são apenas *atribuídas a homens* de idade entre os 20 e 28 anos, inclusivé, para estudos especializados em qualquer dos 129 países em que existem Rotary Clubes. As adicionais serão atribuídas, *tanto a homens como a mulheres,* sem limite de idade. As bolsas adicionais são para estudo, apenas, em certos países. Os pedidos para qualquer dos tipos de bolsas, devem ser feitos através dos Rotary Clubes locais.

O programa das Bolsas de Estudo da «Rotary Foundation», é possível graças às contribuições dos Rotary Clubes, dos rotários e doutras proveniências que ao Rotary pretendem prestar ajuda. Até à data, o valor dessas contribuições atingiu já aproximadamente, 10 milhões de dólares.

•

O Rotary português já foi beneficiado com várias bolsas. Este ano foi concedida mais uma bolsa a um estudante do Porto, acabado de licenciar-se em Ciências Económicas pela Universidade do Porto e que irá frequentar o Instituto Comercial Europeu, em Paris, durante o ano lectivo de 1964/65.

Aveiro de luto

Faleceu o Dr. Soares Machado

A cidade de Aveiro está de luto. E este pesar que o atormenta, em arfar unissono de corações magoados, estendeu-se às populações circunvizinhas, repercutindo-se em toda a região da Beira-Vouga.

Tal como sucede ao surto das grandes tragédias, de boca em boca correu célere a triste nova de, próximo da madrugada do pretérito sábado, 16 de Novembro, ter falecido, repentina e inesperadamente, o querido médico, Dr. Alberto Soares Machado, que ainda na véspera, e até tarde, fizera a sua vida normal na melhor das disposições, exercendo religiosamente os labores da sua dedicada profissão.

Por isso, Aveiro e as suas gentes, e os povos da vizinhança estão mergulhados em pesado luto, naquele luto que amarfanha as almas, colhidas de improviso nas malhas de insondável fatalismo.

Mais ainda: de tão enlutada, naquele dia, Aveiro ficou mais pobre; e sobre ser mais pobre, sente-se triste e, até, mais desamparado.

Mais pobre, porque, com a morte do Dr. Machado, o par do clínico de tamanha estatura e invulgar simpatia, perdeu Aveiro uma figura de elevada grandeza moral, um valor grande entre os *grandes* do seu meio, onde os valores morais positivos infelizmente não sobreabundam; triste e mais desamparado, porque, de ora em diante, lhe falta o convívio daquela prestigiosa figura que à sua volta irradiava sobejos primores de simpatia, sempre pronto a atender, a amparar e a acompanhar, nas dores e sofrimentos que os males acarretam, todos quantos dele se abeiravam, que a todos prodigalizava a sua desvelada atenção e carinho.

Não me proponho traçar aqui a biografia do Dr. Alberto Soares Machado. A minha mediocridade não me dá aso a tamanho cometimento, — que só aos *grandes* é permitido biografar condignamente aqueles que, em vida, foram *verdadeiramente grandes*, na plena acepção do termo. Umas palavras simples, apenas, a apontar algumas das facetas mais características deste homem de assinalado prestígio, que soube espalhar a esmo a mais desvelada e desinteressada amizade.

Não era de Aveiro o Dr. Machado; mas foi um aveirense pelo coração, aqui criando e firmando seu lar de família.

Nado e criado na aldeia de Mata de Lobos, do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, sobranceira aos fraguedos e alcantis da Beira-Alta, dali havia de receber o influxo daquela ancestralidade tão característica dos homens da Serra, moldando-lhes o carácter e a personalidade, que, pela vida fora, se há-de desentranhar em frutos de requintada polpa. E assim, eram seu timbre, de vincado aspecto, o aprumo moral sem tibiezas, a franqueza, embora rude mas sã, o trato hospitaleiro e cativante — em que a palavra é lei e a bondade o bordão do caminhante.

Mas, beirão de gema, fez de Aveiro sua terra adoptiva, como se fora a sua própria terra, sem receio de comparações capazes de menosprezar ou denegrir o seu incondicional aveirismo, na defesa dos interesses e progresso desta nova pátria que voluntàriamente escolheu.

Carácter íntegro, e de uma afabilidade cativante, se, como homem, tinha em elevado conceito as boas normas de cordealidade, a firmar e manter relações e devotadas amizades, como médico requintava nos cuidados a dispensar aos seus doentes, de quaisquer classes ou estirpes que fossem, sempre com aquela lhaneza de trato que era uma das suas características mais peculiares, e aquela natural franqueza, que era como que um segredo de saber inspirar e impor confiança a todos. E todos tinham confiança cega naquele médico, que a popularidade e simplicidade consagravam, e de cujas palavras espontâneas e singelas se espargia como que um bálsamo consolador sobre aqueles que os males atormentavam.

Quer subindo as escads das moradias, ou transpondo os limiares das habitações onde morava a doença, com aquela serenidade confiante e bem conhecida, a sua voz firme e sonora, mesclada de solicitude e carinho, como que transformava o ambiente pesado que envolvia a câmara dos doentes!

E ao ouvir-se o seu habitual: «...*Então que é isso?!... Vamos lá ver!...*», até o doente se sentia instintivamente reanimado, como se o mal fora debelado por misteriosa força. É que ante aquela voz amiga e sincera, diante daquele rosto onde abertamente transpareciam a jovialidade e bonomia, parecia que os males se apoucavam, diminuindo seus atormentadores efeitos, reconfortado o doente com um hálito de bem-estar e suma confiança.

E então, impávido e sereno, auscultava o paciente, inquirindo e investigando causas e efeitos, diagnosticando seguro, como quem cumpre uma sagrada missão; e nas suas palavras animadoras, o sorriso de mistura com a bondade, — sentia o doente um refrigério para os seus males e as mais fundamentadas esperanças, como que sugestionado por aquela força misteriosa que se evola e é dom dos predestinados.

E, se o doente era pobre, quantas e quantas vezes, a par da receita, ficava, em segredo e sem alardes, a espórtula quantiosa, para suprir, e mesmo superar, os gastos na farmácia!...

Pois este homem, e este médico, que tinha o imponderável segredo ou o dom raro de minimizar os sofrimentos alheios, dominando males e doenças, a entravar os designios da morte insatisfeita, na sua permanente e misteriosa ceifa sinistra, — desta vez foi impotente a dominar o seu próprio mal, tombando de surpresa sob o golpe certeiro daquela foice implacável, símbolo de um poder misteriosamente inflexível.

E o *homem*, mesmo médico, caiu para sempre, e caiu no seu posto de combate, na pujança do seu vigor profissional. Mas, se a morte o venceu na sua estrutura material, ela mesmo, talvez respeitosa e atemorizada, não conseguiu vencê-lo na estrutura moral, quiçá fora do alcance do seu poder destruidor.

Nós bem vimos, e viram todos, sobre o catafalco em que o prostrara o eterno sono, aquela fisionomia de soberba grandiosidade, da mesma forma impávido e sereno, como em vida auscultava os seus doentes, que esta impavidez e serenidade resistiram à própria morte. E até parecia — quem sabe?!... — que a mesma morte, repesa e compadecida, o teria chamado a auscultar algumas daquelas almas doentes que possíveis males torturem nos mistérios imponderáveis do Além.

O funeral, realizado na tarde desse mesmo dia, foi bem o testemunho incomparável e o reflexo da estima, da admiração e do respeito que a terra lhe votava.

Muitas e muitas centenas, milhares mesmo, de pessoas de todas as categorias sociais-autoridades, figuras de maior destaque, o escol do profissionalismo, colegas, amigos, o povo, em suma — acorreram a incorporar-se no préstito, ou postando-se ao longo do percurso, a render seu preito de derradeira homenagem ao morto ilustre, a caminho da última jazida.

Recordo-me de, no antigo semanário aveirense, o **Debate**, a propósito de um aniversário do Dr. Alberto Machado, e num resumido perfil da sua figura, ter escrito, em tempos, entre outras, mais ou menos estas palavras: «...*gentes, quando este homem passar por vós ou vós passardes por ele, ...descobri-vos em respeito: É alguém que passa...*»

Hoje, vistas a distância, até parece

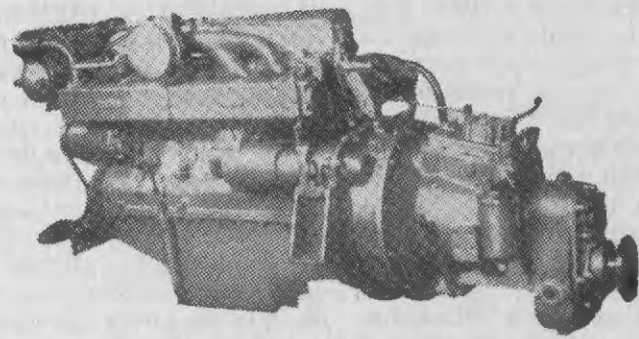
que o eco de tais palavras se repetiu no ânimo das populações locais e circunvizinhas, pois bem poucos seriam aqueles que não olhavam com respeito, e carinho, e simpatia, a passagem ou o aparecimento do Dr. Machado: atitudes de respeito, cabeças a descoberto, cumprimentos cordiais, saudações amigas.

E o mesmo eco repercutiu-se ainda desta vez, mais puro e sublime, expresso na grandiosidade de que o cortejo funerário se revestiu.

Em todos os rostos transparecia a expressão comovida daquela multidão, ao desfilar do cortejo, já de si compacto, por entre alas compactas de povo em silêncio, — aquele silêncio pesado e soturno, que é núncio das grandes tragédias ou dores de maior tomo, — apenas quebrado pelo arfar dos carros fúnebres ou dos passos compassados da multidão acabrunhada; ou os soluços entre-cortados de tantos peitos opressos a tentar reprimir as lágrimas rebeldes e mal contidas. Muitos choravam, em coro abafado e unissono com tantos que choravam em silêncio.

Houve grandeza naquele cortejo funerário, se é que a palavra grandeza é termo apropriado aos momentos de tristeza inegualável; mas grandeza moral, no que se revestiu de mensagem de gratidão e preito a homenagear um morto ilustre. E então, como sempre, cabeças descobertas e em respeito, todos quiseram e vieram render homenagem ante o corpo inanimado daquele **alguém** que passava pela derradeira vez.

Muito e muito haveria ainda a escrever sobre a personalidade do Dr. Alberto Soares Machado. Mas o escrito já vai longo, e é mister que se lhe ponha termo.

E a concluir: Recordo-me que, há já alguns anos, no cemitério local, e frente ao cadáver do falecido Homem Cristo, outro morto ilustre e *grande* de Aveiro, ouvi ao falecido jornalista Paulo Freire estas judiciosas palavras: «*Todos os dias morre gente, mas nem sempre morrem Homens. Pois hoje, em Aveiro, morreu um Homem.*»

Que me seja permitido findar com idênticas palavras, nesta dolorosa conjuntura:

— Hoje, em Aveiro, fomos acompanhar ao túmulo, assistindo ao enterro de mais... **um Homem.**

Aveiro, 16-XI-963

José Duarte Simão

N. da R. — *O ilustre extinto deixou viúva a sr.ª D. Delminda Morais da Cunha Soares Machado; era pai da sr.ª D. Maria Luísa Machado Paes de Almeida e do sr. Carlos Alberto da Cunha Soares Machado; cunhado da sr.ª D. Belmira Morais da Cunha Sampaio, esposa do sr. Dr. Joaquim Toscano Sampaio, e do sr. António Luís Morais da Cunha; sogro da sr.ª D. Maria do Carmo Gomes de Sousa Pinto Machado e do sr. Eg.º-agrónomo Artur Paes de Almeida; e avô dos estudante Maria João e António Manuel Pinto Soares Machado, e Maria Teresa e Pedro Manuel Machado Paes de Almeida.*

Câmara Municipal de Aveiro

AVISO

Eng.º Agr.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que, por deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária do dia 15 de Novembro corrente, foi resolvido pôr a concurso, pelo prazo de vinte dias, a arrematação dos *estrumes recolhidos na cidade e bem assim os da rua dos Santos Mártires às Pombas*, para o ano de 1964.

As propostas, escritas em papel selado e encerradas sobrescritos lacrados, deverão ser apresentadas, na Secretaria desta Câmara, até às 15 horas da dia 13 de Dezembro próximo, para serem apreciadas na reunião da Câmara, nesse mesmo dia.

Para constar se passa o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Aveiro, 18 de Novembro de 1963.

O Presidente da Câmara

Henrique de Mascarenhas

Eng.º Agr.º

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 23 — Os srs. Carlos Aleluia, Manuel Ferreira Leite Pais, José Moreira de Matos, Pedro Marques da Silva, Fernando Luís Marques e Carlos Augusto Correia Nóbrega e Silva; e o menino José Manuel, filho do sr. Joaquim da Silva Félix e neto do sr. Manuel Félix.

Amanhã, 24 — As meninas Maria José, filha do sr. Eugénio Cerqueira da Encarnação, e Lucinda Maria, filha do sr. Dr. José da Cruz Neto; e o menino Luís de Pinho Ferreira da Maia, filho do sr. Fernando Ferreira da Maia.

Em 25 — A sr.ª D. Margarida Resende de Melo Dias, esposa do sr. Quintino Maia Dias; o sr. Artur Casimiro da Silva; a menina Laura Maria Simões da Silva, filha do sr. Eduardo Gomes da Silva; e o menino Hernâni Branco dos Reis, filho do sr. Adriano Amorim dos Reis, ausentes em Luanda.

Em 26 — A sr.ª D. Mariette Praça de Almeida Matos, esposa do sr. José Maria de Matos; os srs. Domingos Manuel de Vilhena Ferreira e Alexandre Casimiro Barroca; a menina Bernardette de Lourdes da Fonseca Oliveira, filha do sr. Ulisses do Rosário Oliveira; e os meninos João Augusto da Silva Branco, filho do nosso colaborador Dr. Vasco Branco, e João Luís, filho do sr. Ulisses da Naia e Silva.

Em 27 — A menina Maria Teresa de Jesus Almeida; o menino Jorge Manuel Oliveira, filho do sr. José de Oliveira, ausentes na Beira (Moçambique).

Em 28 — A sr.ª D. Maria José Mota Lima, ausente em Luanda; o sr. Manuel dos Santos Melo; o estudante Manuel de Almeida Lourenço da Costa, filho do sr. dr. Francisco Lourenço da Costa; e o menino Alberto Mário Decrook Gaioso Henriques, filho do sr. Dr. João Gaioso Henriques, radiologista no Hospital de Luanda.

Em 29 — As sr.as D. Irene Salgado e D. Maria Isabel Ferreira dos Santos Limas, esposa do sr. José das Neves Limas; os srs. Manuel da Silva Salgueiro e Francisco Ferreira Martins; e as meninas Rosa Maria Salgado dos Anjos Vieira, filha do sr. Severino dos Anjos Vieira, e Zélia Paula Mónica Filipe, filha do sr. Aires Filipe.

DR. FIGUEIREDO LEITE

A convite do Instituto Português de Oncologia encontra-se em Lisboa, onde permanecerá alguns meses como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, o distinto médico analista aveirense sr. Dr. Manuel Figueiredo Leite.

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 11 DO TOTOBOLA ★

1 de Dezembro de 1963

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Borussia - Benfica			2
[illegible]	Norköeping - Milão			2
3	Real Madrid - Dinamo	1		
4	Mónaco - Inter		x	
5	Belfast - Fernerbohce	1		
6	Hamburgo - Barcelona	1		
7	Glasgow - Zagreb	1		
8	Zagreb - Glasgow	1		
9	Borough - Bratislava		x	
10	Olimpiakos - Lyon	1		
11	Manchester - Tottenham	1		
12	Liège - Arsenal	1		
13	Belenenses - Roma	1		

Clínica de Santa Joana

Continuação da primeira página

valioso e bem escolhido Corpo Clínico mas, inclusivamente, através dos seus médicos privativos que, mesmo não fazendo parte do grupo responsável pela iniciativa, podem, sempre que o desejarem utilizar este magnífico estabelecimento.

Por amável deferência da Clínica agora inaugurada, deferência que não queremos deixar de agradecer, tivemos a oportunidade de verificar que, na realidade, todos os mais pequenos pormenores da respectiva organização e montagem foram prévia e escrupulosamente estudados de acordo com as técnicas e exigências mais avançadas, procurando assim satisfazer-se os naturais desejos de bem-estar, comodidade e saúde dos seus futuros utentes.

Com efeito, começando pela cozinha, cujos serviços estão irredutivelmente «de relações cortadas» com a falta de higiene, passando pelos quartos (individuais ou colectivos) acolhedores, muito bem mobilados e em que o bom-gosto e o nada-faltar são notas dominantes, passando ainda pelo bloco operatório, excelentemente idealizado e melhor construído, para terminar na sua modelar equipa de enfermagem, todos estes aspectos principais foram devidamente considerados na criação da nova Clínica, o que revela, perfeitamente, sem discussão, a vontade de bem-servir, preocupação dominante e constante dos seua responsáveis.

Estão de parabéns os distintos médicos proprietários da nova Clínica; está de parabéns a região de Aveiro que, a partir do passado sábado, foi enriquecida com mais uma modelar unidade hospitalar.

Como notas finais destas considerações, resta-nos acrescentar que a «Clínica de Santa Joana» (rés-do-chão e dois andares) dispõe de dois quartos colectivos, um de três e outro de quatro camas, e de doze quartos individuais.

Dispõe ainda de um bloco operatório ultramoderno, constituído por seis compartimento, conforme é de Lei, serviços destinados a Otorrinolaringologia e Oftalmologia, serviços próprios para Obstetrícia, uma sala de Puericultura e um gabinete de Raios X.

Logo à entrada do edifício deparamos com uma bela imagem de Santa Joana, cópia em escultura de um óleo que se encontra no Museu de Aveiro.

Nas traseiras do edifício existe uma capela, lavandaria, rouparia e um parque automóvel para quarenta viaturas. Anexo ao corpo principal situa-se o lar de enfermeiras (enfermeira-chefe e cinco subordinadas).

A cerimónia inaugural assistiram um representante do sr. Bispo de Aveiro, os srs. Governador Civil efectivo e substituto, Presidente da Câmara, Comandante Militar, Provedor da Misericórdia, Director do Museu de Aveiro, muitos médicos e bastante público.

Lúcio Lemos

N. da R. — *Não tendo obtido a tempo alguns indispensáveis elementos informativos, reservamo-nos para no próximo número, dar mais desenvolvida notícia do importante acontecimento citadino.*

Casa - Vende-se

Alugada a 5 inquilinos em sítio central. Falar na Rua Comandante Rocha e Cunha, 96, das 18 às 19 horas ou então — Carta à Redacção ao n.º 202.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Junta Autónoma de Estradas

Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro

Concurso público para arrematação da tarefa de reparação no troço de E. N. 234 da Travessia da Vila da Mealhada compreendida entre o km. 29,300 e o km. 29,710, na extensão de 410 metros.

Faz-se público que às 15 horas do dia 29 de Novembro de 1963 se procederá, na sede desta Direcção de Estradas ao concurso público acima designado.

BASE DE LICITAÇÃO 287000$00
DEPÓSITO PROVISÓRIO 7175$00

O processo do concurso encontra-se patente na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 14 de Novembro de 1963

O Engenheiro-Director,

J. B. Ferreira Soares

HABITAÇÕES

Novas, construção moderna com garagem, em Esgueira. Falar na casa Bruno da Rocha & C.ª, Telef. 23805.

Trespassa-se

Por motivo de doença, estabelecimento bem afreguesado, na rua dos Combatentes da Grande Guerra, 102 - 104, junto aos Correios.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se público que pela Segunda Secção do Segundo Juízo da comarca de Aveiro, correm éditos de trinta dias contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando a ré Maria Leite, casada, doméstica, actualmente ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido no lugar do Viso, freguesia de Esgueira, desta comarca, para no prazo de cinco dias, posterior ao dos éditos, contestar, apresentando a sua defesa, na acção de despejo que Francisco Gonçalves Pereira, casado, lavrador, residente no lugar e freguesia de Esgueira, lhe move e a seu marido, sob pena de ser condenada no pedido formulado pele autor, que consiste em os réus serem condenados a despejar imediatamente o prédio arrendado de todas as pessoas e coisas que nele se encontrarem e a pagar as rendas em dívida até entrega efectiva do prédio.

Aveiro, 14 de Novembro de 1963.

O Juiz de Direito,

Francisco Xavier de Morais Sarmento

O Escrivão de Direito,

Armando Rodrigues Ferreira

Litoral ★ N.º 473 ★ Aveiro, 23-11-63

BASQUETEBOL

Continuação da terceira página

alta emotividade do prélio que opôs, no Campo de Alameda, os dois grupos citadinos. Renhidíssimo, com vantagens alternadas nos números, o jogo foi rude, mas sempre disputado com lealdade e correcção. A vitória pertenceu, com justiça, aos esgueirenses — mais decididos e incisivos na luta pelas «cestas», e, também, mais prejudicados pelo critério de um dos árbitros (Manuel Arroja).

No final do encontro — e em desforço dos tristes incidentes ocorridos na partida da primeira volta — parte do público levou lamentàvelmente, longe demais a sua animosidade contra os alvi-rubros, envolvolvendo-os em despedida bastante hostil, que culminou mesmo com agressões aos atletas do Galitos. Foi uma nota triste, bastante sombria — que sinceramente lamentamos.

•

Os próximos jogos:

Hoje:

Sanjoanense-Amoníaco (45-42)
Sangalhos - Galitos (54-40)

Amanhã:

Esgueira - Illiabum (32-35)

TAÇA ANNEGRETE ROSA BRUDT COSTA

Resultados da 3.ª jornada:

Caldas-Benfica 6-48
C. D. U. L.-Cascais 62-22
Sanjoanense-C. U. F. . . . 21- 8

Próximos desafios

Benfica-Cascais
C. U. F.-Caldas
Sanjoanense-C. D. U. L.

JUNIORES & INFANTIS

Está marcado para amanhã o início das provas distritais destas categorias, efectuando-se os jogos:

Juniores

Illiabum — Sangalhos
Amoníaco — Galitos

Infantis

Amoníaco — Galitos

Trespassa-se

Estabelecimento em bom local nesta cidade para qualquer ramo de negócio inclusive Snack-Bar informa na Rua Combatentes da Grande Guerra n.º 82 — Aveiro.

Revogação de Mandato

AVISO

Eu, abaixo assinado, NUNO MONTEIRO DE CASTRO SOROMENHO, casado, de 51 anos de idade, gerente comercial, natural de Nova Lisboa, Angola, morador na cidade de Luanda, pelo presente faço público que revoguei os poderes que havia conferido ao Snr. POMPEU NUNES RAFEIRO, casado, comerciante, natural da freguesia da Glória, Aveiro, pela procuração de 6 de Julho de 1963, legalizada no Cartório da Secretaria Notarial da Comarca de Luanda, a cargo do notário, Licenciado Manuel Nunes de Azevedo.

Luanda, 11 de Novembro de 1963.

a) **Nuno Monteiro de Castro Soromenho**

(Segue-se o reconhecimento)

O Badalar do Relógio

Continuação da primeira página

futilidade, aliás, como adiante se verá, de «som». Ficará para a semana uma outra, com outro «tom».

★

Todos já atentamos, e não só o rabiscador destas linhas dissaboridas, que alguma coisa mudou em Aveiro nos últimos dias.

Mais do que o apito radiofónico do sinal horário e que os silvos matutinos das sereias das fábricas — e essa é outra ária que poderá ficar para posterior ensejo, já que os considero um incómodo público tão inútil como os dos comboios — o nosso tempo aveirense é marcado pelo relógio da torre da «Domus Municipalis», desde que qualquer de nós é gente.

O da igreja de S. Domingos ou o de S.to André de Esgueira poderão estar mais rigorosamente aferidos pelo meridiano Greenwich ou pelo de Lisboa, mas aquele que nos regula os passos e as obrigações, nos dá o safanão estremunhento e nos expulsa da tepidês da cama, o que pelas noites alongadas nos adverte que é tempo de reparar o esfalfamento do corpo com um sono desanuviador do espírito, e que relaxe os músculos e os nervos cansados, é o da torre dos Paços do Concelho. Esse é que marca; esse é que manda!

Evidentemente, que não aconteceu sempre assim. O relógio da Câmara, como o Direito Romano, começou por não existir... O relógio e o próprio edifício municipal. E então as horas eram talvez mais longas, certamente mais plácidas, e silenciosas. Havia relógios, com delicados maquinismos, de grande rigor e perfeição. O Cronos tiraniza a humanidade desde tempos muito remotos e Aveiro não escapou às suas imposições, nem talvez nos tempos, pré-afonsinos da Mumadona, de imorredoura memória. Aliás, aqui terá recebido as primeiras impressões e noções do tempo e da sua mensuração, esse sábio amigo dos mais insignes sábios setecentistas, que foi o aveirense João Jacinto de Magalhães, construtor de relógios famosos. Mas relógio público, relógio colectivo, que designasse a hora para toda a comunidade, antes da construção da casa da Câmara, no século XVIII, não tenho notícia que outro houvesse existido — o que pode significar apenas ignorância de um estudante de aveirismo superficialíssimo.

No terraço que o segundo bispo da primeira diocese aveirense, D. António José Cordeiro, mandou reconstruir sobre o trecho da muralha em que se abria a espessa porta da Ribeira, havia sim, uma meridiana, com a data de 1640, e que marcara já a hora jubilosa da restauração nacional. Esse velho relógio de sol provinha presumivelmente do palácio dos Tavares, que na segunda metade da centúria seiscentista, entre alguns de vulto, era considerado o mais sumptuoso edifício particular de Aveiro, e onde, por determinação de D. José, se instalou o paço episcopal.

Visível embora do exterior, não poderia considerar-se público. Viria a sê-lo, na verdade, em 1860, porventura quando a Câmara presidida por Bento de Magalhães fez construir a fonte da Praça, incrustado no primeiro pilar dos Balcões, em frente à ponte, da Praça também chamada. Aí o manteria Agostinho Pinheiro, no tempo da sua presidência, ao alargar a acanhadíssima rua de Entre-pontes, para a abertura da rua do Americano, desde o Rocio até à Estação.

Já então, todavia, não passava de uma mera curiosidade, de restritíssima utilidade, pois defronte dele, altaneiro, campeava, lá do cimo da torre sineira, o dos Paços do Concelho. Essa recordação do passado veio a desaparecer — e bom seria averiguar-se-lhe o rastro — quando há umas três décadas a mesma rua de Entre-pontes recebeu novo alargamento e se construiu o Hotel Arcada.

Também Agostinho Pinheiro, porque o antigo, talvez o da primitiva, envelhecera, e entorpecera, e deixara de marchar com regularidade e segurança, adquiriu um novo relógio para a torre do edifício camarário. Estamos em crer que, nonagenário e trôpego, hesitante e cansado, a seu turmo e cumprida a sua missão, veio agora a ceder a vez ao moderno, eléctrico, um tanto ou quanto desconcertante, que determina este arrazoado.

O relógio agostiniano fazia soar os quartos e as horas. O som dos quartos, porem, era sub-múltiplo do das horas, mais agudo e menos ponderoso — um, quase adolescente e vivaz; o segundo, adulto e grave. O primeiro era um pré-aviso, para a afirmação perentória das horas.

Pois agora os quartos são desdobrados. Em vez de uma badalada para cada um, o relógio utiliza dois sinos, emprega dois tons, e dá duas. Quer dizer: o relógio não dá quartos, mas oitavos — dois oitavos por cada quarto. Aritmèticamente tanto importa; mas quando o desdobrar dos quartos ecoa como o dolente dobrar a finados, o relógio torna-se funéreo. Soam a mortos esses quartos plangentes; são da família das ciprestes e das perpétuas, do cheiro das velas de cera que ardem, das carpideiras e dos gatos pingados. Esquartejam-nos os nervos, com o seu dobre, esses quartos desdobrados. *Memento, memento...* Por quem é, Senhora Câmara, amerceie-se dos munícipes confrangidos, e restitua-lhes os quartos da hora dos vivos. Os mortos não precisam do relógio: para eles é a Eternidade incomensurável.

E, se, com o louvor pela iluminação do mostruário do relógio, que não afecta estèticamente edifício e é proveitoso, e o assinalar do barroquismo, não destoante, aliás, mas supérfluo, dos novos ponteiros, me é permitido, eu formulo mais um pedido.

Nas longas noites de inverno, os doentes e aqueles a quem as insónias atormentam, por ali ao redor dos Paços do Concelho, num raio de centos de metros, na escuridão e na desolação, no silêncio e na acumulada impaciência de não conciliar o sono, são sacudidos de longe a longe, a intervalos de sesenta estiradíssimos minutos, pelo baladar das horas na torre do município. Ralados da espera sem fim, atribulados com o assalto insidioso, por essas horas mortas, dos pensamentos mais negros e arreliantes, quando chegam a discernir o som dos sinos, já as badaladas por vezes, vão por meio da série. E, então, até há dias o remédio era simples. Esperava-se um pequeno lapso de tempo, e o relógio repetia, na madrugada álgida, as quatro ou cinco horas intermináveis, de um mundo latente. Agora... Agora é preciso esperar pela hora seguinte, para repetir a mesma desastrosa falta de atenção.

Por isso eu requeiro à benevolência e boa compreensão da edilidade, em nome dos munícipes insomnes, que estabeleça no nosso relógio oficial a repetição das badaladas horárias. Não cria encargos, a caridosa providência, ao erário municipal. O que se pouparia no badalo dos quartos daria e sobejaria para compensar o desgaste do badalo das horas.

E, depois de desejar que o novo relógio nos traga só horas aventurosas, à Câmara e aos munícipes, espera receber mercê ao que respeitosamente solicita, o sempre atento e muito acatador

Eduardo Cerqueira

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que pela Primeira Secção do Primeiro Juizo desta comarca, correm éditos de vinte dias, a contar pa segunda e última publicação deste anúncio, citando os crédores desconhecidos da firma Boia & Morgado, Limitada, sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, com sede no Largo Marquez de Pombal, nesta cidade, para, no prazo de dez dias, depois de findo o dos éditos, virem reclamar, querendo, os seus créditos nos autos de Execução sumária que àquela firma move Abraão Borges, casado, comerciante, residente em Esgueira.

Aveiro, 20 de Novembro de 1963.

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Villa Nova

O Escrivão de Direito

Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Litoral ★ N.º 473 ★ Aveiro, 9-XI-963

Morris-Minor

Usado, em bom estado. Vende-se. Estrada de S. Bernardo, casa 3 — Aveiro.

Edital

Joaquim Neto Murta, Engenheiro-Chefe da Segunda Circunscrição Industrial.

Faz saber que António Pereira de Macedo Amaral, pretende licença para instalar uma estação de serviço automóvel, com oficinas de reparação, garagem de recolha e posto de abastecimento de combustíveeis, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, fumos, perigo de explusão e incêndio, emanações nocivas e radiações luminosas, sita no lugar de Sobreiral, freguesia e concelho de Sever do Vouga, distrito de Aveiro, confrontando a Norte e Poente com Herdeiros de Alexandre da Silva Tavares, Nascente com a Estrada Pública e Sul com terrenos do requerente.

Nos termos do Regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias a contar da data da publicação e afixação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo número 23855, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra, na Avenida Sá da Bandeira, n.º 111.

Coimbra e 2.ª Circunscrição Industrial, em 13 de Novembro de 1663.

Pel'O Engenheiro Chefe da Circunscrição

Mário Carneiro de Vasconcelos Ferreira da Silva

Faisões

Dourados e prateados, vendem-se.

Nesta Redacção se informa.

Carpinteiro

Com carta de ligeiros, precisa ARSAC.

Rua Comandante Rocha e Cunha, 3-A — AVEIRO.

Cachorro

Branco e Castanho, entrega-se a quem provar pertencer-lhe. Av. Salazar, 46 — Aveiro.

MISTÉRIO

Continuações da última página

QUESTÃO DE CULTURA

«Génios do Crime» — e depois comecei a folhear o livro. O tema era meu. O estilo era espaventoso e a documentação inadequada. Tomara a sério as conhecidas fraudes de Aram e Roloff; omitira uma figura-chave como a do compositor Gesualdo da Venosa. Mas eu lera o bastante sobre o assunto para saber que aquela obra abominável era o que se costuma classificar de *vendável*. Ele não teria grandes dificuldades em encontrar um editor interessado; e o meu próprio livro aguardava oportunidade, marcado na editora da Universidade para, na melhor das hipóteses, entrar no prelo lá para 1953.

— Aceita um trago? — perguntou; e ao ver-me sacudir a cabeça bebeu do seu frasco.

— Que tal? Pensei que o senhor pudesse ajudar-me... assim com umas notas ao pé da página... sabe como é.

Olhei para aquele mostrengo embriagado e sem cultura. E de repente vi-me eclipsado pela sua obra, um simples acessor do seu ataque à minha cidadela de eleição.

E ele disse: —

— Isso, claro, não passa de um esboço inicial e incompleto.

— O senhor conserva uma cópia dos seus primeiros esboços? — indaguei, como quem não quer a coisa. E quando o vi sacudir a cabeça oca, abri-lhe a testa, com o meu grande pisa-papéis.

Ele recuou até junto da parede, atirou-se para a frente e depois caiu inconsciente, batendo com a cabeça na ponta da mesa. Eu meti o seu obsceno manuscrito numa gaveta, enrolei o pisa-papéis num lenço, levei-o até ao vestíbulo, lavei-o, fiz desaparecer o lenço com uma descarga do W. C., voltei à minha sala e chamei a Polícia. Um estranho entrara bêbado no meu escritório, caíra e batera com a cabeça de encontro à minha mesa.

O crime, se tal pode ser considerado, foi quase tão perfeito como qualquer outro de que eu tenha conhecimento. É também único, por ter sido a primeira vez que um crime cometido por um erudito, foi motivado pela sua erudição...

(Extraído do livro «Tendências Homicidas nos Seres Altamente Dotados», University Press, 1953). Prova A da promotoria no julgamento do falecido prof. Rodney Jordan».

(In «Ross Pinn Antologia Policial»)

● Comentário de Ross Pynn

«Anthony Boucher substituiu Haycraft na crítica do *Ellery Queen Mistério Magazine*, e bastaria este facto para o denunciar como um valor. Mas além de crítico, Boucher é também escritor policial, e as suas personagens estão bastante divulgadas em todo o Mundo: a Irmã Ursula, uma religiosa, e Nick Noble, da Secção de Casos Disparatados do Departamento da Polícia de Los Angeles. Além disso, Boucher é um grande divulgador da Literatura Policial, organizador de diversas Antologias, todas elas de grande valor devido aos seus singulares comentários. — *Questão de Cultura* é a história que escolhemos, uma *short story* que contém em 500 palavras tudo quanto se deve exigir a um conto policial de grande nível...»

EDITORIAL

os mesmos nada mais constituem do que a vergonha que nós e a Censura deveremos escorraçar.

A Literatura Policial — há que frisar — mas a verdadeira literatura de ambiente policial, a que não se afasta dos princípios que a devem reger, poderá por vezes não possuir alto valor literário. Porém, o formativo basta para a classificar.

E, já que falamos em Literatura Policial, não poderemos deixar de falar na sua derivante — a problemística — afinal, parte integrante da mesma.

Desporto mental por excelência, actividade tendente a desenvolver as faculdades dedutivas dos seus cultores, não duvidamos que a mesma será dentro em breve de características profundamente culturais. E, explicamos porquê.

Um problema poderá — e deverá — não constituir um simples enumerado de anomalias mais ou menos camufladas, mas sim um trabalho em jeito de conto, reportagem ou outro género literário, e pelo qual poderemos fazer desfilar páginas da História, da Arte e das Ciências.

Não é aconselhável, especialmente quando em ciclos de iniciação e expansão, a apresentação de «casos» cuja solução exija profundos conhecimentos dos citados ramos culturais? Concordamos! Porém — é inegável — esses mesmos conhecimentos poderão ser ministrados através de originais perante os quais um principiante não sinta qualquer dificuldade.

Mensagem formativa e cultural, a Literatura Policial é — quem o contesta? — um poderoso contributo para a sã mentalização do povo.

Que pais e educadores o tenham bem presente. Que não o olvidem os que em prol da mesma podem colaborar, contribuindo assim para a dignificação da Sociedade.

O que é e o que pretende a Literatura Policial Portuguesa

apurado, abrindo dessa forma caminho à Literatura em geral, que fatalmente, num futuro mais ou menos breve a ficção policial encaminhará para os ramos maiores de ficção — chamemo-lhes assim —, grande parte dos leitores.

Evidentemente que o programa não é fácil mas pensamos que valerá o trabalho, pois que com ele todos ganhamos: o País, os escritores policiais portugueses, a Literatura nacional, a Imprensa, os editores e até os tradutores.

Clarifiquemos: o País evitará a saída de divisas e disporá, graciosamente, de um elemento de formação educativa de largo alcance e contínua actividade; os escritores policiais verão reconhecidas as suas legítimas aspirações e beneficiarão de consequente melhoria técnica; a Literatura portuguesa ganhará novos leitores como já expusemos; a Imprensa verá aumentadas as suas tiragens e os editores ampliarão as suas edições, pagando direitos mais consentâneos com as suas responsabilidades e satisfazendo o gosto do público. Quanto aos tradutores, beneficiarão no sentido de maior apuramento da forma, o que os compensará sobejamente da perca de uma ou duas traduções por ano — restando-lhes o recurso à produção, o que seria óptimo.

O maior benefício será, todavia, para a economia do País, que verá modificada e encaminhada em seu favor a preferência dos que na nossa Terra — por deficientemente informados — pensam ainda que os produtos nacionais não podem ombrear ou exceder em qualidade os que vêm de fora — o que sucede também com a Literatura, as Artes e os Ofícios.

Fernando Saldanha

Crítica Literária

girande em redor dum caso pleno de mistério, têm como figuras centrais algo que no tempo presente constitui um grave problema — os delinquentes juvenis.

Aos que apreciem a boa Literatura — de frisar que não especificamos o género — chamamos a atenção para esta obra.

«Filmagem sinistra»

«Diabólica engrenagem»

Estes livros foram traduzidos directamente do alemão por Peral Ribeiro e Júlio Freire de Andrade, respectivamente, são os dois volumes iniciais da colecção G. Man Jerry COTTON — nova série para o qual chamamos a atenção, em especial, dos apreciadores da boa Literatura Policial.

Tendo como figura central o G. Man do F. B. I., Jerry Cotton, estas duas obras — e, por certo, as que se lhe seguem — constituem algo de positivo que nos deixou agradàvelmente surpreendidos.

Acção, abnegação, e também — o que é essencial — a nota educativa, criam um clima agradável, um ambiente são que nos leva a recomendar a sua leitura.

As Aparências Iludem

seado em factos que lhe permitem concluir ter sido ele, de facto, o autor do delito, e, por conseguinte, convencido de que não erra nem comete qualquer injustiça, indicando-o como suspeito. No entanto já se têm verificado casos em que os suspeitos são apenas vítimas do espírito de vingança ou má vontade dos queixosos.

Convém, portanto, que o investigador, sem deixar, contudo, de ouvir detalhadamente o queixoso e menosprezar a sua versão, não se deixe influenciar por ela e faça o seu raciocínio, procedendo como melhor entender para completo esclarecimento da verdade. É certo que já alguns queixosos se têm mostrado aborrecidos com a Polícia, quando, para descoberta do criminoso, esta envereda por caminho diferente daquele que eles pretendem, revestindo-se os casos de maior dificuldade para os investigadores, quando aqueles se opõem ou pretendem opor-se a que sejam interrogados alguns dos seus familiares ou mesmo serviçais mais conceituados; mas isso não importa, o que é preciso é atingirmos o fim em vista e que os nossos esforços sejam coroados de êxito.

Contam-se já por dezenas os casos em que na Secção de Justiça da P. S. P. de Lisboa se têm desmascarado *queixosos* que se dizem vítimas de furtos que afinal não se praticaram e apenas foram por si idealizados para encobrir outras irregularidades que cometem.

Há que ter bem presente, no entanto, que existem casos cujas circunstâncias envolventes indicam de maneira aparentemente inequívoca, que tenha sido este ou aquele o autor do furto, e, afinal, vem mais tarde a constatar-se que essas circunstâncias não passam de pura coincidência e aquele que, de princípio, tudo indicava fosse o culpado, é simplesmente um inocente vítima das coincidências».

COORDENAÇÃO DO «INSPECTOR MONTARGIS»

O QUE É E O QUE PRETENDE A LITERATURA POLICIAL PORTUGUESA

por **FERNANDO SALDANHA**

Recordamo-nos que já dissemos algures, recentemente, que a Literatura Policial Portuguesa é um ramo destacado e ainda não totalmente realizado de ficção. Agora, parafraseando Paniágua Fèteiro, diremos que só um pequeno escol poderá progredir e afirmar em breve a espinha dorsal da futura literatura de ambiente policial com características nacionais, pois que não é crível nem seria admissível imaginar-se que os duzentos jovens de diversas posições sociais que no nosso País se dedicam actualmente ao labor aturado da decifração de enigmas e — timidamente alguns — também à produção, se tornarão escritores de um momento para o outro.

Não existe — e cremos que jamais existirá, até pelas limitações congénitas —, o perigo de se fazerem promoções apressadas que a ninguém serviriam e a ninguém poderiam interessar. Será justo, porém, destacar e ajudar os que têm qualidades e mérito para alcançar lugar consentâneo com o seu valor e principalmente capacidade de trabalho, contando-se sem favor entre estes a maioria dos policiaristas que têm sobre os ombros a responsabilidade de orientação das secções e suplementos policiais divulgados pelos nossos órgãos da Imprensa e da Rádio.

Temos também — como não se pode desconhecer — meia dúzia de escritores que vêm fazendo, com maior ou menor sucesso, contos, novelas e romances de ambiente detectivesco, escondendo o nome próprio sob a capa de pseudónimos de sabor estrangeirado, dado que, a despeito da validade de algumas obras, o público afecto teima em negar mérito à produção que lhe cheira a autores portugueses, seja qual for o seu género.

Ora, se for possível movimentar maior número de rubricas policiais e interessar mais directamente alguns milhares de adeptos, aumentando em pelo menos mais meia dúzia o número daqueles, teremos conseguido a formação de uma boa equipa que tentará modificar — desejamos que seja melhorar — o gosto da maioria, permitindo-lhes leitura de significado técnico e humanístico mais

Continua na página 9

João Artur

Gratos pela colaboração enviada. Quanto ao primeiro problema... no próximo número nos pronunciaremos.
Um abraço.

Mister X

Gratos pela sua carta. Ficamos aguardando toda a colaboração possível... e a identificação.
Por falta da mesma, não foi possível escrever directamente.

•

Informando que só no próximo número apresentaremos a solução *e* classificações *do primeiro problema, a todos apresentamos as nossas saudações policiais.*

O PRAZER DO RACIOCÍNIO

Uma sugestão de João Artur

Amigo Leitor,
admirador do Cinema de Mistério
e da Literatura Policial:

Apesar de toda a sua paixão pelos filmes policiais e de «suspense» que o força a comprar, precipitadamente e com antecedência, um bilhete de estreia, sempre que uma produção de grande cartaz se anuncia...

Apesar, ainda, de todo esse seu gosto pela literatura de mistério, que o impede de fechar o livro, altas horas da noite, quando o sono vem mas o enigma persiste...

Apesar de tudo isso, amigo Leitor, você pode não ter experimentado, ainda, o prazer de dar solução — uma solução lógica e irrefutável — a um caso enigmático que é submetido à sua inteligência, e que o obriga a fazer actuar o poder de observação e o raciocínio.

Se, pelo menos uma vez, se entregar a tão aliciante e útil entretenimento, em breve sentirá os seus benefícios, e o prazer que a sua prática proporciona.

Praticando a Problemística Policial, você ginastica o espírito, amplia a perspicácia e valoriza o seu poder raciocinativo, satisfazendo a força mental que o leva a fazer conjecturas...

... no intervalo dum filme de HITCHCOCK...

... ou entre dois capítulos dum romance do DICK HASKINS.

EDITORIAL

Mensagem formativa de valor irrefutável, a Literatura Policial constitui, sem dúvida, uma das correntes literárias de maior envergadura cultural. Que o BEM sempre triunfa sobre o MAL, que o CRIME NÃO COMPENSA, eis o grito de uma literatura que deve merecer toda a nossa atenção.

Existem detractores? É certo! Acusando, porém, sem dizer porquê, condenando sem o justificar. Em suma, uma condenação sem base — puro derrotismo.

Não é que nos surpreenda o facto da Literatura Policial servir de alvo a certas críticas acusatórias, pois que sempre o positivo mereceu a atenção *dos que nada mais sabem fazer que dizer mal. O mesmo não diremos, no entanto, quando essas opiniões são formuladas por quem deveria ter a noção do que afirma. A VERDADE é, porém, indestrutível, pelo que sempre aflorará á superfície.*

LITERATURA POLICIÁRIA — valor positivo!

No entanto, teremos que verberar tal atitude, por vezes bastante perniciosa. Não porque o simples emitir de uma opinião o seja, mas porque, longe de avaliarem as coisas após profundo estudo, muitos há que as rotulam segundo e conforme a posição do articulista.

Existem livros policiais, cuja leitura seja de efeitos perniciosos? Não o negaremos. Porém, qual o género literário qne não enferma de tal mal?

Se apresentar a Lei como um fantoche nas mãos dum delinquente é pernicioso, o mesmo diremos de certos exemplares cujos autores parecem ignorar ser a VIRTUDE sublime. Porém, não é através de tais «espécimes» que poderemos e deveremos avaliar o grau de valor de um género literário, pois que

Continua na página 9

CONTISTAS UNIVERSAIS — **ANTHONY BOUCHER**

Questão de Cultura

«Nenhum erudito pode alimentar pretensões quanto à perfeição absoluta, mas o seu trabalho deve ser o mais completo possível: qualquer omissão de dados importantes devido a um descuido ou a uma busca imperfeita, ou (o que é ainda pior) por motivos pessoais — tal como a defesa de uma teoria que os dados possam contradizer — é o mais grave pecado que se possa cometer contra a própria erudição...

Tais eram os meus pensamentos ao sentar-me à mesa de trabalho para rever a edição definitiva do meu *Tendências Homicidas nos Seres Excepcionalmente Dotados — Estudo de Homicídios Cometidos por Artistas e Eruditos*. A data era de 21 de Outubro de 1951. O local, a minha sala em Wortley Hall, na Universidade do mesmo nome.

As minhas conclusões pareciam inatacáveis; muitos crimes haviam sido cometidos por pessoas eruditas (basta citar o professor Webster, de Harvard), e por artistas admiráveis (François Villon foi o primeiro a acudir-me à mente). Mas em nenhum caso as razões de tais crimes foram ligadas aos dotes pouco comuns das aludidas personagens. O estudo que fiz das relações entre tendências homicidas e uma capacidade mental fora do comum provo, dentro da melhor tradição erudita, que tal relação não existe.

Foi então que Stuart Danvers entrou na minha sala.

— Professor Jordan? — indagou. Falava com voz pastosa e cambaleava ao de leve. — Li o seu artigo sobre Villon (o nome soava como um volão) no *Atlantic* e disse com os meus botões: «Aqui está um homem que me pode ajudar!» — E sem me dar tempo a abrir a boca, desconsou um volumoso original dactilografado sobre a minha mesa. — Compreenda que não sou novato no assunto. Sou um profissional. Tenho vendido material de *crimes verídicos* para todas as grandes editoras. — Deixou escapar um soluço. — Mas agora ocorreu-me que já é tempo de arranjar um pouco de prestígio.

Lancei um olhar para o título da primeira página —

Continua na página 9

CRÍTICA LITERÁRIA

«Tubarões e notas falsas»

por John D. Corrigan

Pode afirmar-se com propriedade que, no que respeita ao campo editorial português, se vive no momento o mais alto da Literatura Policial. Em referência à quantidade, jamais se publicaram com regularidade tantas edições — das quais a qualidade não anda arredia.

Vêm estas palavras a propósito, como pelo intróito deste apontamento por certo já depreendesteis, do lançamento da nova Colecção ALIBI.

É certo que o comercialismo exagerado serve por vezes para deturpar tão elevado género literário. Elevado, pelo nível pròpriamente elevado que pode atingir, e também pelo carácter formativo que deve ser seu timbre.

Porém, o comercialismo exagerado foi olvidado em relação a ALIBI, pois que a primeira «pedra» do «edifício» que Edições DELFOS se propõem construir é a garantia de uns sólidos alicerces.

É esta a primeira obra de John D. Corrigan que chega até nós, entrando nos nossos escaparates em tradução directa do alemão feita por Beckert d'Assunção. Se mais alguma foi publicada no nosso país, desconhecêmo-lo.

O próximo número da colecção, será mais um trabalho assinado pelo autor de «TUBARÕES E NOTAS FALSAS», cuja validade, tanto no campo puramente literário ou estrictamente policial há que frizar.

Seguindo uma das mais primordiais directrizes, quanto a nós considerada básica — a constituída pela honestidade de elaboração — J. D. Corrigan apresenta-nos um tema que,

Continua na página 9

AS APARÊNCIAS ILUDEM

Pelo Subchefe ALEXANDRE LUÍS SALVADOR

«Nos crimes contra as propriedades das pessoas e especificamente de furto doméstico, poucos são os casos em que os queixosos, ao dirigirem-se à Polícia, não indiquem um ou mais indivíduos como suspeitos de terem praticado o crime. Umas vezes essas suspeitas são bem fundamentadas e levam-nos ao esclarecimento da verdade e, por consequência, à detenção do criminoso ou criminosos, mas outras há em que o suspeito ou suspeitos nada têm com o crime e encontram-se, portanto, inocentes.

No primeiro caso, como é óbvio, a acção da Polícia é facilitada, mas, no segundo, se o investigador se deixa arrastar pelas aparências, que o mesmo é dizer pela versão do queixoso, a sua acção não só é dificultada mas até, muitas vezes, de resultados infrutíferos.

Normalmente, quando o criminoso indica fulano ou cicrano como suspeito no crime de furto de que foi foi vítima, fá-lo ba-

Continua na página 9